



RIMAS QUE FORMAM: O HIP HOP COMO ESTRATÉGIA ANTIRRACISTA NAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DA EJA

Simone Nunes Souza¹; Rosemary Lapa de Oliveira²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação de Jovens e Adultos (PPMEJA/UNEB); Professora de Língua Inglesa do Colégio Estadual Nelson Mandela – Salvador/BA; Grupo de Pesquisa: FormacelInfância; e-mail: simone_nunesf@hotmail.com.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação de Jovens e Adultos (PPMEJA/UNEB); Orientadora da pesquisa; Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias GPELCH; e-mail: rloliveira@uneb.br

EIXO TEMÁTICO 1: SUJEITO DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS.

RESUMO

O presente estudo possui como tema “Rimas que formam: O Hip Hop como estratégia antirracista nas sequências didáticas do ensino de Língua Inglesa da EJA”, cujo objetivo corresponde a estudar, através de sequências didáticas de Língua Inglesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a perspectiva antirracista, em parceria com docentes do Colégio Estadual Nelson Mandela, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. A partir dessa pesquisa, observa-se que a mediação de aprendizagem de Língua Inglesa (LI), ainda permanece com práticas eurocentradas, que ignoram os saberes e repertórios de estudantes da EJA, reforçando exclusões simbólicas e epistemológicas (Pardo, 2019). Diante do exposto, o Hip Hop se apresenta como possibilidade pedagógica de diálogo com a realidade dos educandos, expressando resistência e afirmação identitária das juventudes negras e periféricas (Mello, 2023). Por sua vez, enquanto movimento artístico, político e pedagógico, emerge como uma potente estratégia antirracista. Seus elementos — *rap*, *slam poetry*, *grafite*, *breakdance* e *DJing* — permitem pensar uma educação que reconhece identidades, valoriza experiências e desafia o currículo hegemônico. A proposta de estudo justifica-se a partir da percepção profissional e pessoal construída ao longo de quase dezesseis anos de atuação como professora de Língua Inglesa, especialmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Estadual Nelson Mandela, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Essa vivência possibilitou observar lacunas significativas na mediação da aprendizagem da língua inglesa, uma vez que as metodologias e os materiais tradicionalmente adotados não contemplam as especificidades e as necessidades socioculturais dos estudantes da EJA. O objeto de estudo — o uso da cultura Hip Hop como estratégia antirracista no ensino de Língua Inglesa — emerge, portanto, como uma alternativa pedagógica que busca aproximar o ensino da realidade e da identidade dos educandos, valorizando suas experiências e repertórios culturais. Nesse sentido, o Hip Hop, em suas múltiplas expressões (Rap, Slam Poetry, grafite, entre outras), apresenta-se como um instrumento potente de diálogo com as juventudes periféricas e com as narrativas negras, promovendo o engajamento crítico, a valorização da diversidade linguística e o combate às práticas excludentes e



eurocêntricas ainda predominantes no ensino de inglês. Assim, o estudo pretende responder à seguinte questão-problema: de que maneira a cultura Hip Hop pode integrar as sequências didáticas de modo a contribuir com a prática docente antirracista no ensino de Língua Inglesa na EJA do Colégio Estadual Nelson Mandela?, buscando, com isso, construir caminhos pedagógicos que aliem o ensino de língua à formação cidadã e antirracista dos sujeitos da EJA. A base teórica deste estudo ancora-se na pedagogia crítica de Paulo Freire (1987, 1996), que problematiza a educação bancária e propõe uma educação libertadora, dialógica e comprometida com a transformação social. Essa perspectiva articula-se às autoras como Cavalleiro (2000) e Gomes (2017) que destacam a centralidade das práticas antirracistas na construção de uma educação comprometida com a equidade racial, reforçando a importância desta perspectiva nos contextos escolares uma vez que a educação antirracista pode contribuir para um ideário de justiça social e igualdade na sociedade mais ampla. Em diálogo com esse pensamento, bell hooks (2017) defende o ensino como prática da liberdade, a partir do reconhecimento das experiências dos oprimidos e da escuta ativa. Bakhtin (1999) contribui para a compreensão da linguagem como prática social e dialógica, em que o sujeito constrói sentidos a partir de suas interações culturais e históricas. Kumaravadevelu (2006) defende que o ensino de línguas no contexto pós-colonial deve deslocar-se de um paradigma centrado na norma europeia, reconhecendo os múltiplos “inglês” que emergem das margens. Metodologicamente, o trabalho apoia-se na pesquisa-ação pedagógica (Franco, 2016), de caráter qualitativo, colaborativo e crítico, que busca intervir e transformar a prática educativa. O processo contemplará entrevistas semiestruturadas com docentes da EJA, oficinas coletivas de elaboração de sequências didáticas e análise qualitativa de seus impactos nas práticas pedagógicas. Pretende-se compreender como o Hip Hop pode ressignificar o ensino de inglês, fortalecer a formação docente antirracista, ampliar o engajamento estudantil e contribuir para a redução da evasão e do desinteresse que marcam essa modalidade. O campo empírico é o Colégio Estadual Nelson Mandela, localizado em Periperi, Salvador, tendo como sujeitos docentes de Língua Inglesa da EJA. A partir do Hip Hop, é possível reverberar vozes silenciadas, valorizar culturas negras e periféricas, além de construir saberes, que reflitam e transformem as múltiplas realidades do espaço educativo (Costa; Mallow; Santos, 2020). Nesse sentido, o Hip Hop, pode se constituir numa potente estratégia pedagógica que contribua para a construção de práticas educativas e a formação de mentalidades antirracistas, isto é, mais inclusivas e equitativas, com menos discriminação, mais diálogo e construção de identidades raciais. Aplicar o Hip Hop como estratégia pedagógica é assumir que o currículo pode ser também um espaço de disputa de narrativas e que o ensino de inglês, pode ser ressignificado, a partir de práticas que reconheçam o protagonismo da juventude negra e sua produção cultural. Ao adentrar no espaço escolar, essa cultura mobiliza saberes comunitários e memórias que desafiam a lógica racista da educação tradicional. Portanto, a proposta de inserção do Hip Hop nas aulas de inglês pretende potencializar uma prática docente antirracista e crítica. Espera-se que, ao trabalhar letras de Rap, produções poéticas e performances culturais, os educandos possam reconhecer-se como produtores de saberes e discursos. O letramento racial crítico (Gomes, 2017) é o eixo articulador dessa proposta, permitindo compreender a linguagem como instrumento de poder, denúncia e resistência. Para Freire (1996), a autonomia docente e discente se constrói na prática da liberdade e no diálogo transformador. Assim, o Hip Hop torna-se um dispositivo antirracista, capaz de questionar as hierarquias linguísticas e culturais. O impacto esperado vai além da aprendizagem linguística: propõe-se uma reconstrução das relações pedagógicas, baseada no respeito à diversidade e na valorização das identidades negras e periféricas. O estudo



reafirma o compromisso com uma educação antirracista, fundamentada no diálogo entre teoria e prática. A inserção da cultura Hip Hop nas aulas de Língua Inglesa da EJA configura-se como estratégia de reexistência e emancipação, capaz de transformar o espaço escolar em território de escuta e reconhecimento. O trabalho em desenvolvimento deverá resultar em sequências didáticas colaborativas que fortaleçam a prática docente e a consciência crítica dos estudantes, contribuindo para a construção de um currículo inclusivo e libertador, visto que, embasadas nos princípios da pedagogia antirracista e no diálogo com as manifestações que traduzem as vivências destes educandos, o Hip Hop, configura-se como uma estratégia significativa de aprendizagem em que estes [...] partilhem ideias, raciocínios, processos, estabeleçam conexões, comparações e analogias, construam conjecturas e negociem significados e desenvolvam capacidades de comunicar e argumentar” (Leal; Brandão; Albuquerque, 2012, p.148). Como afirma bell hooks (2017, p. 24), “[...] o ensino para a liberdade exige que os educadores estejam abertos para aprender com as culturas marginalizadas e para incorporar essas vozes na sala de aula.” Portanto, ao construir sequências didáticas que dialogam com o universo cultural dos educandos da EJA, especialmente no contexto do subúrbio ferroviário de Salvador, reafirma-se o compromisso com uma educação transformadora, antirracista e libertadora.

Palavras-chave: Hip Hop; Ensino de Inglês; Antirracista; Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- COSTA, G. D. S.; MALLOW, D; SANTOS, P. L. **Paulo Freire, the Decolonial Curriculum and the Experience of the Professional Masters in Youth and Adult Education in Bahia, Brazil**. *Adult Learner: The Irish Journal Adult and Community Education*, 2020, p.123-145.
- FRANCO, M.A.S. **Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e de participação**. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 511–530, 2016. DOI:
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GOMES, N. L. **Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KUMARAVADIVELU, B. **A Linguística aplicada na era da globalização**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 129 -148.
- LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; ALBUQUERQUE, R. K. **Por que trabalhar com sequências didáticas?** In: FERREIRA, A. T. B.; ROSA, E. C. S. (Orgs.). *O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 147 – 174.



LOPES, Edna J.; AMORIM, R. M. (orgs.). **Paulo Freire: culturas, ética e subjetividades no ensinar e aprender**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

MELLO, D. **Hip hop é a maior cultura urbana da história, afirma pesquisador**. Agência Brasil, 12 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/hip-hop-e-maior-cultura-urbana-da-historia-afirma-pesquisador>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PARDO, F. da S. **Decolonialidade e ensino de línguas**: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado. Revista Letras Raras. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. Port. 200 -221 / Eng. 198-218, set. 2019. ISSN 2317-2347.

SANTOS, C. L. N. DOS; DANTAS, T. R. **Processos de Afrobetização e Letramento de (Re)Existências na Educação de Jovens e Adultos**. Educação & Realidade, v. 45, n. 1, p. e96659, 2020.

SILVA, F. M. DA. **O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural**: caminhos e desafios. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 58, n. 1, p. 158 –176, jan. 2019.